

# Círculo virtuoso na saúde

» NELSON MUSSOLINI

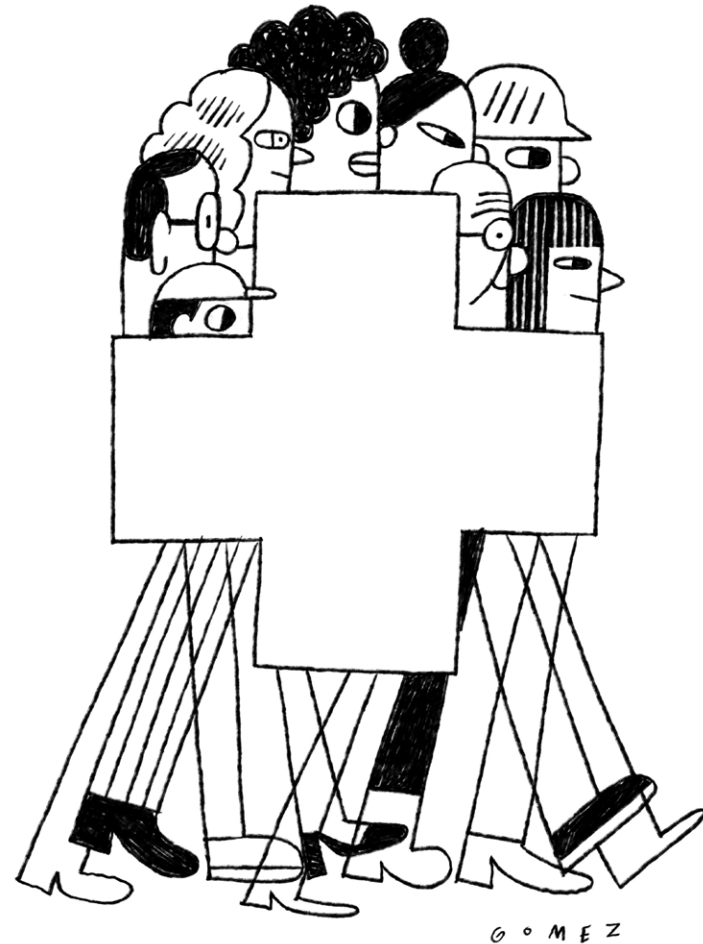
Presidente executivo do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma) e membro do Conselho Nacional de Saúde (CNS)

O período que antecede as eleições sempre oferece uma excelente oportunidade para que a sociedade brasileira debata os seus grandes problemas e busque soluções para resolvê-los, além de identificar novas e importantes questões para o desenvolvimento do país. Foi com esse espírito e essa intenção que o Sindusfarma tomou a liberdade de elaborar um documento aos candidatos à Presidência da República, que contém um diagnóstico da atual situação da assistência farmacêutica e do acesso aos medicamentos no país e propostas para aprimorá-los, visando aperfeiçoar o sistema de saúde público e privado e, conseqüentemente, promover e elevar a qualidade de vida da população brasileira. O trabalho está sendo entregue aos candidatos que concorrem à Presidência da República nas eleições deste ano e seus coordenadores da área da saúde.

As ações indicadas no estudo fazem parte de um ecossistema — que envolve os três níveis de governo (União, estados e municípios), indústria farmacêutica, investidores públicos e privados e o complexo da saúde —, concebido com base nos erros e acertos dos programas de assistência farmacêutica adotados no Brasil e na experiência de países que tiveram êxito na idealização e implementação de políticas e sistemas que ampliaram a oferta sustentável de medicamentos — dos básicos aos de alta complexidade.

São propostas que objetivam contribuir com as análises e os projetos dos candidatos à Presidência da República, visando o desenvolvimento do setor e a melhoria da saúde da população brasileira, com projetos de simples execução. O ecossistema proposto para promover o acesso aos medicamentos no Brasil tem quatro pilares:

O Centro de Inteligência em Saúde ficaria encarregado de coletar e consolidar dados



G. O. M. E. Z.

de saúde da população (já existentes), para conferir mais eficiência ao processo de compras e fornecimento de medicamentos e dar a estados e municípios recomendações de oferta de produtos e serviços de acordo com as necessidades regionais.

O Programa de Aceleração da Inovação ficaria encarregado de melhorar a articulação das diversas instituições e agências (Instituto Nacional de Propriedade Industrial, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos etc.) envolvidas no processo de entrada de medicamentos inovadores no país, com o objetivo de reduzir prazos e aperfeiçoar os critérios de incorporação, entre eles, o do

valor terapêutico dos produtos.

O Programa de Modernização do Mercado Farmacêutico ficaria encarregado de analisar e redefinir a regulação econômica do mercado de medicamentos, para eliminar suas distorções e seu emaranhado fiscal e tributário; o estudo propõe a desoneração completa das compras públicas de medicamentos e a liberação de preços para mercados com ampla competição, entre outras medidas.

O quarto pilar é a Força-tarefa de Redução da Judicialização, que ficaria encarregada de projetar e inserir no planejamento orçamentário da saúde os gastos com medicamentos solicitados por ação judicial já incorporados ao Sistema Único de Saúde e de ampliar o conhecimento dos profissionais prescritores sobre medicamentos incorporados ao SUS. O fim dessas medidas é o de garantir melhor uso dos recursos públicos e acesso mais rápido da população às terapias. O estudo apurou que 62% dos produtos judicializados fazem parte das listas padronizadas do SUS; que as ações judiciais cresceram 51% nos últimos anos, saltando de 366 mil, em 2015, para 553 mil, em 2022; e que os R\$ 8 bilhões gastos pelo governo federal com a judicialização em 2021 superam as despesas com saúde de 92% dos estados brasileiros.

O documento para os candidatos à Presidência da República conclui que, em seu conjunto, os quatro grandes programas propostos criam um círculo virtuoso focado na sustentabilidade da assistência farmacêutica, no fortalecimento das empresas do setor e, principalmente, no acesso mais amplo e igualitário da sociedade brasileira aos medicamentos, com reflexos positivos para a qualidade de vida da população e para o desenvolvimento social, tecnológico e econômico do país. Por fim, propõe um mantra: saúde é investimento, não é despesa.

## Erradicação da pobreza: importante para quem e por quê?

» DANIEL SCHNAIDER

Economista, administrador e engenheiro de software

Quando chega o ano eleitoral, o assunto da pobreza parece receber um foco de mais importância, afinal se trata de muitos eleitores que têm influência sobre deputados, senadores, governadores e até o presidente a ser escolhido. Mas o quanto esse assunto é de fato importante? Por que eu mesmo, que nunca fui pobre, nem perto disso, me interesse tanto pelo tema — e acredito que você também deveria.

Tento refletir por anos esse assunto e confesso que as respostas não vêm com facilidade ou obviedade. Minhas primeiras memórias como criança são no Rio de Janeiro, provavelmente, com 3 a 4 anos de idade, tínhamos cinco empregados em casa, em uma família de cinco, incluindo motorista, segurança e três a quatro pessoas responsáveis pela limpeza e alimentação. Senhora Rosa, Marli, Geraldo, Othon, Edson e às vezes Denise. Eu sentia, como se fossem parte da minha família. Especialmente a Marli, Geraldo e sua filha Denise eram pessoas de que genuinamente gostava. Quando foram mandados embora, porque nossa família pegou alguma doença devido a sua falta de higiene, fiquei devastado ao entender que jamais os veria de novo.

Foram muitos outros empregados que passaram por nossa linda casa na Rua Prof. Olinto de Oliveira. A Wanda, eu sabia que roubava, e queria de alguma forma ajudá-la para que não perdesse o emprego, mas mesmo sabendo que eu sabia, ela não se aguentava e continuava fazendo-o. Outro era um casal, de um homem preto e sua esposa, muito branca. Ele tinha medo de subir no elevador ao visitar o escritório do meu pai no centro da cidade e portanto só usava a escada. Um fim de semana, saíram, ela bebeu e, na volta para nossa casa, ele a espancou. Ver suas caras humilhadas saindo pela última vez de nossa casa, sem poder se despedir e ver o seu rosto deformado foi dolorido para o menino de 10 anos. Outro, era analfabeto

e presenciei minha irmã dedicada em ensiná-lo a ler e escrever. Mas, se foi essa convivência que me ensinou a me preocupar pela “causa”, não teriam as crianças dos vizinhos desenvolvido sentimentos similares?

Na família de um amiguinho da época, reconheci um filho de minha idade que tinha nível equivalente de sensibilidade como o meu, enquanto seu irmão era completamente indiferente à existência de seres em condições tão precárias. O pai se sensibilizava com a pobreza como alguém que a conhece e entende, já a mãe era de uma elite distante. Por mais que eu tenha nascido em uma família de classe alta, sabia que minha avó era venerada por meu pai, pois, entre muitas coisas, quando criança, minha avó passava fome para alimentar seus dois filhos.

Muitos de nós ficamos sensibilizados com o argumento moral da pobreza. Afinal, o rico que curte o avião privado para passar um fim de semana em família em Paris, quando outras pessoas não têm o que comer, vestir e um teto onde morar — demonstra algo de errado com a estrutura social. Aqui temos a consequência da sorte em nossas vidas e o próprio modelo capitalista. Referente ao último, ao comprar um avião privado, pagar o combustível, tomar um táxi para o aeroporto e os milhões de impostos para que tudo isso aconteça — está gerando empregos e oportunidades para muitos. Ou seja, estaríamos olhando a parcela do copo vazio, quando a outra está bem cheia?

Se sorte é a explicação entre diferentes classes sociais, então um pouco de humildade e generosidade não seria o mínimo a esperar dos mais abastados? Adam Smith reflete sobre esse tema no livro *A teoria dos sentimentos morais* — onde escreve: “Embora sejamos egoístas, novamente temos que descobrir como viver ao lado dos outros sem prejudicá-los. Esse é um mínimo essencial para a sobrevivência da

sociedade. Se as pessoas forem mais longe e fizerem um bem positivo — beneficência — nós o saudamos, mas não podemos exigir tal ação como exigimos justiça.”

Então, tanto a resposta como a solução estão nas palavras de Smith. A sensibilidade daqueles que querem ajudar os mais humildes se encontra não só na empatia pelo próximo, sendo ele subjetivo e diferente entre indivíduos, mas no egoísmo individual exercido para tornar a sociedade melhor para cada um de nós — como sugerido pelo autor da *Mão Invisível*.

Alguns poderão ver sua erradicação como mais consumidores, outros como colaboradores eficientes, mais cabeças pensantes, menos moradores de rua, diminuição do consumo de drogas e violência — ou apenas porque o deixa feliz quando ajuda o próximo. Mas ao mínimo seria prudente analisar quem são os perdedores com o fim da pobreza.

Um momento, alguém se beneficia com a pobreza? Em 1800 algo entre 85% e 95% da população mundial vivia em extrema pobreza. Hoje, esse número é menor que 10%, ainda assim se trata de mais de 600 milhões de pessoas, sendo 20 milhões no Brasil. O ponto é que algo certo foi feito para um grupo significativo. O restante é uma questão de tempo e processo, ou existem forças que estão impedindo o avanço por completo?

A erradicação da pobreza é importante por questões morais ou egoístas, ou, se você é indiferente mas aceita que o inimigo do seu inimigo é seu amigo — então talvez possa aceitar que a forma de governar é tão importante como a bandeira. O desvio de verbas por corruptos e o político que consegue comprar votos por alguns reais — são, em minha opinião, os maiores empecilhos para a erradicação da pobreza e a construção de uma sociedade que funcione para o maior número de pessoas — independentemente da ideologia.

### Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## O remédio para a memória

Um dos atores principais nesta e em outras eleições, tanto no Brasil como no resto do mundo, tem sido a mídia jornalística. Ela atua, de modo ativo, trazendo o mundo político à tona, com informações aos leitores e eleitores sobre as andanças e até as estripulias de cada candidato ao longo de seus mandatos.

Seria de grande proveito para a população se às vésperas das eleições de outubro essa mesma mídia jornalística voltasse sua atenção para a realização de um modelo especial de retrospectiva, como os que são feitos, a cada final de ano, só que desta vez apresentando ao grande público a performance de cada político na legislatura que finda, mostrando sua atuação quer no parlamento ou em qualquer atividade pública.

Ao reviver a performance desses personagens, os eleitores seriam naturalmente levados a um despertar de consciência e mesmo de clarividência, capaz de possibilitar a reavaliação, com muito mais critério e racionalidade, de seus votos. De certo que ao refrescar a memória do distinto público que vota, muitos dos atuais candidatos à reeleição seriam descartados de imediato. É com a falta de memória dos eleitores que esses eternos candidatos contam para se reelegerem ano após ano. O pior é que a cada nova legislatura, eles voltam ainda mais escolados e sabidos nas artimanhas da engabelação. Para fugirem a perseguição dos eleitores por suas atuações contra a vontade popular, esses verdadeiros especialistas em política com p minúsculo, se misturam a bancadas mais numerosas, onde a defesa mútua de interesses, dificultam punições individuais.

Eis aí a roda viva das agruras do cidadão. O eleitor desmemoriado é um perigo para si e para o país. Essa amnésia coletiva transforma nossa democracia num jogo em que o lado perdedor nem ao menos percebe que foi novamente enganado. Por isso é preciso rever, com toda a atenção, a atuação desses candidatos em cada matéria de interesse para o cidadão que foi votada no Legislativo. Importante é também rever o comportamento ético desses políticos dentro dos quadros do governo.

Ao rememorar como se portou em votações como a prisão em segunda instância, a nova Lei de Improbidade Administrativa, o aumento de verbas para o Fundo Partidário, Fundo eleitoral e outros projetos, como as suspeitíssimas emendas secretas, o eleitor poderia ter uma visão menos embaçada pelo tempo, decidindo com mais firmeza e justiça na hora do voto. É na cabine de votação que os destinos comuns a todos são traçados em questão de segundos. A questão aqui é entender os mistérios que levam um simples gesto de apertar um botão, mudar o destino de toda uma nação.

No caso específico das chamadas emendas secretas, é preciso refrescar a memória do eleitor, mostrando, com todas as letras que políticos votaram favorável à essa matéria. A razão é simples: quando o cidadão e eleitor for buscar na Farmácia popular os remédios para as crises asmáticas, hipertensão ou diabetes, ou até a fralda geriátrica e lá for informado de que esses medicamentos estão em falta na prateleira, ficará sabendo que o governo cortou 60% do orçamento desse programa, para atender prioritariamente às emendas secretas e sem controle externo. Aí nesse caso melhor pedir ao balconista um remédio para a memória. Se tiver...

### » A frase que foi pronunciada

“Os mais perigosos inimigos não são aqueles que te odiaram desde sempre. Quem mais deves temer são os que, durante um tempo, estiveram próximos e por ti se sentiram fascinados.”

Mia Couto

### Proativo

» Em pouco menos de um mês as chuvas vão chegar e as faixas de pedestres ainda não receberam reforço de tinta nem as linhas de asfaltos e sinalizações necessárias. Agora é o momento para limpar as bocas de lobo, recolher lixos em áreas abertas.

### É sério?

» Se em vários países sérios, que honram o direito à privacidade, o compartilhamento de dados entre órgãos públicos é fato, não há como compreender que essa prática não seja adotada no Brasil.

### Na real

» Com tanta verba destinada à Secretaria de Educação parece impossível imaginar que alguém carimbe a mão de um aluno para não repetir a alimentação. Caso a Secretaria de Educação não entenda, uma das razões para se frequentar as escolas é justamente o lanche e o jantar. Certamente não é o excelente nível de instrução dispensado.

### Pressa

» As comissões do Senado estão com um tempero diferente. Os parlamentares se ouvem mais nervosamente porque muitos estão em campanha. Foi o caso do senador Romário quando tentou driblar o senador Omar Aziz. Mas não deu certo. Teve que aguardar a vez para o pronunciamento.

### » História de Brasília

Já começaram a retirar as cadeiras novinhas, de formica, para colocar no barracão imundo. Dentro em pouco, nem mel nem cabaça. Ninguém é responsável, e a escola continua funcionando num barraco horrível. (Publicada em 10.03.1962)